

24 ABR 1995

ESTADO DE SÃO PAULO

Da empáfia ao desespero



**Cada país
deve contar,
antes de tudo,
com seus
próprios
recursos**

E agora?

Poucas semanas depois, o mesmo governo que garantia não sermos um México liquidado a canetadas os fundamentos do Plano Real, mostrando seu temor de que o Brasil siga para o mesmo pântano em que o México afunda, e rumo ao qual a Argentina caminha. Tardiamente, os chefes da política econômica parecem dar ouvidos ao *Wall Street Journal*, que já advertia em janeiro: "o México está aprendendo o quanto

do modelo. Em 1991, Mitsuhide Yamagushi, presidente do Eximbank japonês, apresentava o México como exemplo de ajuste econômico para a América Latina. Num estudo de 1994, o Banco Mundial elogiava o México por ter adotado políticas de combate à inflação. O estudo denominado "Tirando as amarras do setor privado — Caso da América Latina", criticava duramente o Brasil pelo "atraso" com que enveredou pela mesma trilha."

Se havia um grande consenso em torno da aplicação do modelo neoliberal, o que será que deu errado? Por que o México deu-se mal? Por que o Brasil e a Argentina fogem agora do "modelo" mexicano, como o diabo da cruz? Quem estava errado, o aluno, os professores ou a lição? Todos. Os apologistas do neoliberalismo viam dizendo que os "ajustes" trariam uma enxurrada de dólares pa-

ra a América Latina, deixando para a poeira da história temas como dívida externa, inflação e instabilidade econômica. Segundo estes profetas, a integração no mercado global garantiria a prosperidade.

Agora, a festa acabou. Os dólares atraídos pelos superlucros fáceis batem asas. A face risonha do modelo, tão bem retratada na febre consumista e no festival de importações, dá lugar ao gosto amargo na boca de quem acreditou no "passaporte para o primeiro mundo". Mais uma vez a lição: cada país deve contar, antes de tudo, com seus próprios recursos, com seu próprio mercado, com sua própria capacidade produtiva. Aí está o caminho verdadeiro e seguro da prosperidade e da integração, soberana, ao mercado mundial.

■ Aldo Rebelo é líder do PC do B na Câmara dos Deputados

O primeiro período de gestão econômica do novo governo faz lembrar o célebre ditado mineiro, incorporado à cultura nacional pelo então governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto. A política é como uma nuvem, dizia ele. Você olha e ela está de um jeito. Daí a pouco já está de outro. Quem lembra das reações da dupla Malan-Serra, aos primeiros sinais da debacle mexicana, constata hoje que a nuvem se transferiu da política para a economia. "O México não é o Brasil", garantiam-nos na época, sustentados em toda sorte de análises, especialistas e futurólogos.

pode ser perigoso confiar em amigos estrangeiros. Mas antes do reconhecimento do fracasso, foram anos de massacrantes elogios às "virtudes"